



Editorial

Duas décadas da Revista Avaliação Psicológica

Ana Paula Porto Noronha

Universidade São Francisco – USF, Campinas-SP, Brasil

Foi no ano de 2002 que o Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica lançou o primeiro número da Revista Avaliação Psicológica (RAP), sob a editoria do Profo Claudio Hutz, que permaneceu na função de 2002 a 2004, publicando seis números. À época, o primeiro editorial informava: “O lançamento do primeiro número de Avaliação Psicológica é um marco importante na trajetória do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP) que vem se consolidando como sociedade científica. Esta revista permitirá que pesquisadores, estudantes e profissionais possam se comunicar, informar os resultados de suas pesquisas e contribuir para o fortalecimento da área e para a formação de psicólogos qualificados”. A profecia de Hutz se concretizou; nunca se produziu tanto na área de avaliação psicológica como nas últimas décadas e, seguramente, a RAP teve uma importante contribuição. Em 2005 eu assumia a editoria da RAP, tarefa que coube a mim até 2010, sendo substituída pela competentíssima Prof^a Acácia Angeli dos Santos. Portanto, duas décadas depois de meu início, aqui retorno para enfrentar uma difícil tarefa: dar continuidade aos avanços promovidos pelos editores anteriores, e atender à missão do IBAP, qual seja, construir ciência e práticas profissionais atualizadas, em consonância com os avanços mundiais e com as necessidades nacionais.

É sabido que a avaliação psicológica avançou, sobretudo em relação à compreensão do indivíduo e de sua materialidade histórica e social, e pela sua inserção na sociedade. Considerando que a saúde mental tem sido cada vez mais reconhecida como um componente essencial do bem-estar geral, é imperativo que os profissionais de psicologia tenham compreensões bem fundamentadas, e, sejam amparados por recursos avaliativos de excelência, sensíveis às nuances culturais e sociais.

Dito isto, tomando como base os números recém-publicados da RAP, observa-se, de modo indiscutível, que são os artigos que objetivam a busca de evidências de validade e de estimativa de precisão para a adaptação ou construção de novos instrumentos, aqueles que se apresentam em sua maioria. Outros estudos, com vistas a investigações de naturezas diferentes, como revisões de literatura ou aqueles que discutem preceitos mais psicométricos, são pouco frequentes, mas também necessários à engrenagem epistêmica da AP. No entanto, a constatação mais inquietante é sobre os temas tratados nas últimas publicações, especialmente no que respeita à pequena presença de domínios inovadores. Há variedade quanto aos construtos estudados. Funções executivas, parentalidade, habilidades sociais, competências socio-emocionais são alguns dos encontrados, embora, personalidade e inteligência ainda figurem como os mais frequentes. Testes projetivos também não são proeminentes nas publicações.

Outra observação pertinente diz respeito ao diminuto foco em populações vulnerabilizadas. Para “não dizer que não falamos de flores”, parafraseando o poeta, nos três anos anteriores, foi publicada uma pesquisa com foco em gênero e outras duas com pessoas com baixa visão e cegas, além de uma última que discutiu “grupos minoritários”. Esse dado é impactante em termos de avaliação psicológica, mas não nos surpreende. Os pesquisadores brasileiros têm sido recentemente provocados no sentido de promover novos olhares para grupos menos incluídos nos estudos e para a maior diversidade de fenômenos avaliados. Esperamos que logo em breve tenhamos dados mais animadores.

Sob essa perspectiva importa informar que a RAP, por ser uma revista do IBAP, lançou no presente ano um edital público amplamente divulgado na ANPEPP para que pesquisadores que trabalhassem com temas relacionados à diversidade, racialidade, PCDs, pudessem submeter seus artigos nesse número especial que será lançado no XII Congresso do IBAP, em julho de 2025, e que tem como tema Justiça, Proteção e Promoção dos Direitos Humanos.

Neste número, abordaremos diferentes aspectos da avaliação psicológica. Escala de Medo, Escala de Intenção de Ativismo e Radicalismos, Escala de Funcionamento Ótimo, Escala de Estratégias de Resolução de Conflitos, Escala de Estigma e Conhecimento sobre Autismo são exemplos dos instrumentos pesquisados. A diversidade de enfoques e métodos apresentados oferecem uma rica oportunidade para refletirmos sobre como a avaliação pode não apenas

diagnosticar, mas também contribuir para o desenvolvimento humano e social. Neste ensejo, com as propriedades psicométricas estudadas, instrumentos diversificados estarão disponíveis. Pesquisadores de diferentes Unidades da Federação se fizeram representados, assim como de outros países. Por fim, esperamos que as contribuições presentes neste número da RAP inspirem novas ideias e o avanço científico, promovendo um maior entendimento das potencialidades da avaliação psicológica enquanto ferramenta de transformação social e pessoal. Que continuemos perseguindo a excelência e a inovação neste campo vital da psicologia.

Nosso muito obrigado pelas várias mãos que se dedicaram à revista. Agradecemos fortemente aos que estão conosco, aos editores associados, nomeadamente, Adriana Satiko Ferraz, Bruno Bonfá, Caroline Tozzi Reppold, Ricardo Franco de Lima e Vithor Rosa Franco, assim como à ampla equipe editorial: Mirelle Pinheiro, Letícia Souza, Rafael Moreton, Milena Pinheiro, Sandra Prandini e Ana Kuhn.

Como citar este artigo

Noronha, A. P. P. (2024). Duas décadas da Revista Avaliação Psicológica. *Avaliação Psicológica*, 23(2), A-B. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2024.2302.ed>